

Compreendendo a Guerra de Quarta Geração

William S. Lind

A O INVÉS de comentar sobre especificidades da guerra contra o Iraque, achei que esta seria uma boa oportunidade para expor um modelo para compreender esse e outros conflitos. Chamo esse modelo de “As Quatro Gerações da Guerra Moderna”.

Eu desenvolvi o modelo das primeiras três gerações nos anos 80, quando trabalhava para apresentar a guerra de manobras ao Corpo de Fuzileiros Navais (*U.S. Marine Corps — USMC*).² Os fuzileiros ficavam me perguntando, “Como será a quarta geração*?” Minha resposta foi na forma de um artigo que co-escrevi para a revista *Marine Corps Gazette* em 1989: “A Face Mutante da Guerra: Dentro da Quarta Geração”.³ (Nossas tropas supostamente encontraram cópias do artigo em cavernas em Tora Bora, esconderijo da al-Qaeda no Afeganistão.)

A Guerra Moderna

As quatro gerações começaram com a Paz de Westphalia, em 1648, o tratado que findou a Guerra dos Trinta Anos. Com esse tratado, o Estado estabeleceu um monopólio de guerra. Anteriormente, muitas entidades diferentes haviam combatido em guerras: famílias, tribos, religiões, cidades, e empresas, usando diversos meios,

não somente exércitos e marinhas. (Dois desses meios, a extorsão e o assassinato, estão de novo de moda.) Atualmente, entidades militares acham difícil imaginar combater uma guerra contra forças armadas que não sejam similares a elas próprias.

A Primeira Geração. A primeira geração da guerra moderna, guerra de linha e coluna (*line-and-column*) onde as batalhas eram formais e o campo de batalha era ordenado, durou, aproximadamente, entre 1648 a 1860. A relevância da primeira geração surge do fato que o campo de batalha ordenado criou uma cultura militar de ordem. A maioria das coisas que distinguem o militar do civil (uniformes, continências, graus hierárquicos) eram produtos da primeira geração com a intenção de reforçar a cultura da ordem.

O problema é que, já em meados do século XIX, o ordenado campo de batalha começou a se desordenar. Exércitos concentrados, soldados que *queriam* lutar (o objetivo do soldado do século XVIII era desertar), mosquetes raiados, e mais tarde, armas de retrocarga e metralhadoras, tornaram as táticas antigas de linha-e-coluna (*line-and-column*) primeiro obsoletas, e logo suicidas.

O problema desde então tem sido uma crescente contradição entre a cultura militar e o aumento da desordem no campo de batalha. A cultura da ordem, que outrora foi coerente com o ambiente no qual operava, tem ficado cada vez mais incoerente com o mesmo.

A Segunda Geração. A guerra de segunda geração (*Second Generation War*) foi uma resposta à contradição entre a cultura da ordem e o ambiente militar. Desen-

***Guerra de Quarta Geração.** Esta teoria da guerra foi desenvolvida por William S. Lind e quatro oficiais do Exército e do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos (USMC). O Sr. Lind, que foi assessor legislativo de dois senadores, é o diretor de um *think tank* conservador e autoridade em guerra de movimento. A guerra de quarta geração é, primordialmente, uma teoria em nível tático que, ocasionalmente, incursiona no nível operacional, e se situa na era moderna que vai da época do Tratado de Westfália, em 1648, até o presente.



Exército dos EUA

Uma das cavernas no Afeganistão onde se pensava pudesse estar escondido Osama bin Laden. Soldados americanos têm vasculhado e liberado muitas destas cavernas nas montanhas de Adi Ghar, como parte da Operação Mongoose, à procura de armas e elementos da al Qaeda.

volvido pelo Exército Francês durante e depois da I GM, a guerra de segunda geração procurou uma solução no fogo concentrado, a maior parte sendo fogo de artilharia indireto. O objetivo era o atrito, e a doutrina foi resumida pelos franceses como sendo “a artilharia conquista — a infantaria ocupa”. O poder de fogo era cuidadosamente sincronizado (usando-se planos e ordens detalhados e específicos) para a infantaria, carros de combate e artilharia em uma “batalha conduzida” onde o comandante era, com efeito, um condutor de orquestra.

A guerra de segunda geração chegou como um grande alívio para os soldados (ou ao menos para os seus oficiais) porque preservava a cultura da ordem. O enfoque era voltado para dentro, sobre regras, processos e procedimentos. A obediência era mais importante do que a iniciativa. De fato, a iniciativa não era bem-vinda porque colocava a sincronização em perigo. A disciplina era descendente (*top-down*) e imposta.

A guerra de segunda geração é relevante hoje porque o Exército e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA aprenderam com os franceses durante e depois da I GM e ela continua a ser a forma de guerra americana, como podemos observar no Afeganistão e no Iraque. Para os americanos, a *guerra* significa “por aço no alvo”.

A aviação tem substituído a artilharia como fonte do maior poder de fogo, mas de outra maneira (e apesar da doutrina formal do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

que vem a ser a guerra de manobra de Terceira Geração) o militar estadunidense de hoje é tão francês quanto o vinho branco e o queijo. No centro de adestramento de guerra no deserto do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA na Califórnia, a única coisa faltando é o tricolor e uma foto do General Maurice Gamelin no QG. O mesmo é verdade na Escola de Blindagem do Exército no Forte Knox, em Kentucky, onde um instrutor iniciou a sua aula dizendo, “Não sei por que devo lhes ensinar toda esta velha coisa francesa, mas devo.”

A Terceira Geração. A guerra de Terceira Geração, também um produto da I GM, foi desenvolvida pelo Exército Alemão e é conhecida como “blitzkrieg” ou a guerra de manobra. A guerra de Terceira Geração é baseada não no poder de fogo e atrito, mas na velocidade, surpresa e no deslocamento mental e físico. Taticamente, durante o ataque, o militar da Terceira Geração procura adentrar nas áreas de retaguarda do inimigo, causando-lhe o colapso da retaguarda para a frente. Ao invés de “aproximar e destruir”, o lema é “passar e causar o colapso”. Na defesa, a idéia é de atrair o inimigo para então cortar-lhe a retirada. A guerra deixa de ser um concurso de empurrar, onde as forças tentam segurar ou avançar uma linha. A guerra de Terceira Geração é não linear.

Não são apenas as táticas que mudam na guerra de Terceira Geração, mas a cultura militar. O militar da Terceira Geração enfoca exteriormente, na situação, no inimigo

e no resultado exigido pela situação, não interiormente no processo ou na metodologia. Durante os jogos de guerra do século XIX, oficiais subalternos alemães rotineiramente recebiam problemas que somente podiam ser resolvidos desobedecendo ordens. As ordens especificavam o resultado a ser conseguido, mas nunca o método (*Auftragstaktik*). A iniciativa era mais importante do que a obediência. (Toleravam-se os erros, contanto que originassem de demasiada iniciativa ao invés de pouca.) Tudo dependia da autodisciplina e não da disciplina imposta. O *Kaiserheer* (Exército do Kaiser) e a *Wehrmacht* (Forças Armadas Alemãs) faziam belos desfiles, mas na realidade haviam quebrado com a cultura da ordem.

Uma chave para o sucesso na guerra de Quarta Geração talvez seja “perder para vencer”. Parte do motivo porque as guerras no Afeganistão e no Iraque não estão sendo vencidas é que as nossas invasões iniciais destruíram o estado, criando um feliz campo de caça para forças de Quarta Geração. Em um mundo onde o estado está em decadência, se for destruído, é difícil recriá-lo.

A Quarta Geração. Características, tais como a descentralização e a iniciativa, são passadas adiante da Terceira Geração para a Quarta, mas em outros aspectos a Quarta Geração marca a mudança mais radical desde a Paz de Westphalia. Na guerra de Quarta Geração, o Estado perde o monopólio sobre a guerra. Em todo o mundo, os militares se encontram combatendo oponentes não estatais tais como a *al-Qaeda*, o *Hamas*, a *Hezbollah* e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Quase em toda parte, o Estado está perdendo.

A guerra de Quarta Geração é também marcada por uma volta a um mundo de culturas, não meramente de países, em conflito. Encontramo-nos encarando o mais antigo e obstinado oponente do cristianismo ocidental, o Islã. Após uns três séculos na defensiva estratégica, seguindo-se ao fracasso do segundo cerco turco de Viena em 1683, o Islã tem retomado a ofensiva estratégica, expandindo-se para fora em todas as direções. Na guerra de Quarta Geração, a invasão de imigrantes pode ser tão perigosa quanto a invasão do exército inimigo.

A guerra de Quarta Geração não é algo que meramente importamos, como foi o caso de 11 de setembro de 2001. No seu fundamento se encontra uma crise universal da legitimidade do Estado, e essa crise significa que muitos países terão evoluído a guerra de Quarta Geração em seu território. A América, com um sistema político fechado (não obstante qual partido vence, o Estabelecimento permanece no poder e nada na verdade muda) e uma

ideologia venenosa de multiculturalismo, é um candidato ideal para a variedade caseira da guerra de Quarta Geração, de longe a mais perigosa.

Onde caberia a guerra no Iraque nesta estrutura? Sugiro que a guerra que temos visto até agora é meramente um rastilho de pólvora queimando em direção ao paiol. O paiol é a guerra de Quarta Geração provocada por uma grande variedade de atores islâmicos não estatais, dirigindo-se contra a América e os americanos (e governos locais amigos da América) em toda parte. Quanto mais tempo a América ocupar o Iraque, maior a chance de o paiol explodir. Se isso acontecer, que Deus nos ajude.

Durante quase dois anos, um pequeno grupo tem-se encontrado em minha casa para discutir de que maneira combateremos a guerra de Quarta Geração. Este grupo é constituído, na maior parte, de fuzileiros navais, mas inclui um oficial do Exército, um capitão da Guarda Nacional e um oficial estrangeiro. Sentíamos que alguém devesse estar trabalhando na mais difícil questão que confronta as Forças Armadas dos EUA, mas ninguém mais parecia estar fazendo isso.

Membros do grupo decidiram recentemente que já era hora de revelar publicamente algumas das idéias que lhe havia ocorrido. Não temos soluções mágicas, apenas alguns raciocínios. Reconhecemos desde o começo que a tarefa toda poderia não ter esperança alguma; os militares estatais talvez não possam lidar com os inimigos da Quarta Geração, não importa o que façam. Mas, de qualquer forma, eis algumas de nossas conclusões.

Pontos a Ponderar

Se a América tivesse algumas forças terrestres de Terceira Geração capazes de guerra de manobra, talvez pudéssemos combater batalhas de envolvimento. A incapacidade de combater em batalhas de envolvimento foi o motivo do fracasso da Operação *Anaconda* no Afeganistão onde a *al-Qaeda* se havia estabelecido, nos enfrentou e depois fugiu, sofrendo poucas baixas. Para combater em tais batalhas precisamos de uma infantaria realmente leve que possa se mover para mais longe e mais rapidamente por terra do que o inimigo, que tenha um repertório tático completo (não apenas dar de encontro com o inimigo e pedir fogo) e que possa lutar com as suas próprias armas ao invés de depender de armas de apoio. Estimamos que a infantaria do Corpo de Fuzileiros Navais de hoje marcha de 10 a 15 quilômetros por dia; a linha não leve de infantaria alemã durante a II GM, podia marchar 40 quilômetros.

Os oponentes da Quarta Geração não estão de acordo com as convenções de Genebra, mas alguns deles talvez considerem um código de cavalheirismo que estabelece de que maneira lutarão. Vale a pena explorar essa opção.



Exército dos EUA

Soldados da 1ª Divisão Blindada em patrulha no centro de Fallujah, no Iraque, em maio de 2003.

A maneira com a qual as forças estadunidenses se conduzem depois da batalha pode ser tão importante na guerra de Quarta Geração quanto como combatem.

O que o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA chama de inteligência cultural é de grande importância na guerra de Quarta Geração e deve descer ao escalão inferior. No Iraque, os Fuzileiros Navais parecem estar entendendo isso bem melhor do que o Exército dos EUA.

Quais são os tipos de pessoas que precisamos nas Forças de Operações Especiais? Pensamos que as mentes são mais importantes do que os músculos, mas não se sabe se todas as Forças de Operações Especiais entendem isso.

Uma chave para o sucesso é integrar as tropas o máximo possível com pessoal local. Infelizmente, a doutrina de proteção da força dos EUA funciona contra a integração e geralmente nos prejudica bastante. Uma citação das minutas de uma de nossas reuniões diz, “Existem duas maneiras para lidar com o assunto da proteção da força. Uma delas é da maneira que o fazemos agora, de nos separarmos da população, intimidando-os com o nosso poder de fogo. Uma alternativa mais viável talvez fosse fazer ao contrário e nos integrarmos à comunidade. Dessa maneira se descobre mais sobre o que está acontecendo e a população nos protege. A tática inglesa de tirar os capacetes assim que possível pode realmente estar salvando vidas.”⁴

Aquele que “vence” nos níveis tático e físico pode perder nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, onde se decide a guerra da Quarta Geração. Martin van Creveld argumenta que uma das razões pelas quais os ingleses não perderam na Irlanda do Norte é que o Exército Inglês tem sofrido mais baixas do que tem causado.⁵ Isso é algo que o militar americano de segunda geração não consegue entender porque define o sucesso em termos de uma cadência comparativa de atrito.

Temos que reconhecer que, na guerra de Quarta Geração, somos o partido mais fraco, não o mais forte, apesar de toda a nossa tecnologia e poder de fogo.

O que pode o militar dos EUA aprender da polícia? As unidades da Reserva e da Guarda Nacional dos EUA incluem muitos policiais. Estamos nos aproveitando de sua experiência?

Uma chave para o sucesso na guerra de Quarta Geração talvez seja “perder para vencer”. Parte do motivo porque as guerras no Afeganistão e no Iraque não estão sendo vencidas é que as nossas invasões iniciais destruíram o estado, criando um feliz campo de caça para forças de Quarta Geração. Em um mundo onde o estado está em decadência, se for destruído, é difícil recriá-lo. Outra citação das minutas é, “Embora a guerra contra outro país possa ser necessária, deve-se tentar preservar o estado mesmo enquanto se derrota. Permita aos exércitos inimigos as ‘honras da guerra’,

faça-os saber que fizeram um grande trabalho, torne a sua derrota ‘civilizada’ para que possam sobreviver à guerra, institucionalmente intactos, para você então tirar proveito disso. Isso seria parecido a uma noção do século XVIII sobre a guerra civilizada e contribuiria muito à restauração de um estado frágil. Humilhar tropas inimigas derrotadas, especialmente na presença de sua própria população, é sempre um erro grave que os americanos são propensos a cometer. A ‘mentalidade de futebol’ que temos desenvolvido desde a II GM está nos prejudicando.”⁶

De várias maneiras, o século XXI irá oferecer uma guerra entre as forças de guerra de Quarta Geração e as do Novo Bravo Mundo. As forças de Quarta Geração

Muito do que estamos enfrentando no Iraque hoje não é ainda a guerra de Quarta Geração, mas uma guerra de libertação nacional combatida por pessoas cujos objetivos são os de restaurar um estado do partido Ba’ath. Mas, à medida que esses objetivos se esvaírem e essas forças se desfizerem, a guerra de Quarta Geração virá cada vez mais à tona. O que a caracterizará não serão grandes mudanças em como o inimigo combate, mas quem estará lutando e para que.

entendem isso, ao contrário das elites internacionais que procuram o Novo Bravo Mundo. Nas minutas consta, “Osama bin-Laden, apesar de supostamente muito rico, vive em uma caverna. Claro, é por motivos de segurança, mas também se trata de liderança por meio de exemplo. Talvez seja mais difícil separar (física ou psicologicamente) os líderes de guerra de Quarta Geração de suas tropas. Também se torna mais difícil desacreditar esses líderes junto aos seus seguidores. Isto contrasta dramaticamente com as elites do Novo Bravo Mundo que se encontram física e psicologicamente muito separados de seus seguidores. (Até mesmo os generais da maioria dos exércitos convencionais se encontram separados dos seus homens.) Os representantes da elite do Novo Bravo Mundo estão, de muitas maneiras, ocupando um terreno de baixa moral sem estarem conscientes disso.”⁷

Durante a ocupação dos Balcãs pelas tropas do Eixo, durante a II GM, os italianos, de muitas maneiras, foram mais eficazes que os alemães. A chave do seu sucesso era que na verdade não queriam combater. No Chipre, o comandante da ONU julgou o batalhão argentino mais eficiente que os ingleses ou os austríacos, porque os argentinos não queriam combater. O que

podem as forças dos EUA aprender com isso? Como a Máfia faria uma ocupação?

Quando temos uma coalizão, que tal se deixamos cada país fazer o que sabe fazer melhor? Por exemplo, os russos poderiam se ocupar da arte operacional; os EUA, do poder de fogo e da logística e; os italianos, da ocupação.

Como poderia ser redefinido o conceito de Transformação do Departamento de Defesa dos EUA para lidar com a guerra de Quarta Geração? O atual Guia de Planejamento para a Transformação (*Transformation Planning Guidance*), do Departamento de Defesa, não inclui nada a respeito da guerra de Quarta Geração. De fato, não existe nada no Guia sobre nenhuma das duas guerras que estamos combatendo no momento; ela é orientada apenas para combates contra forças armadas estatais que nos combatem de forma simétrica.⁸

Pergunta, “A captura de Saddam Hussein marcou algum ponto na guerra contra o Iraque?” A conclusão do grupo? De maneira nenhuma. Poucos combatentes da resistência estiveram combatendo pela pessoa de Saddam. A captura de Saddam pode ocasionar um rompimento no partido Ba’ath, o que nos levaria a uma situação mais próxima de Quarta Geração onde ninguém poderia recriar o estado. Poderia também fazer crer aos xiitas que já não precisariam mais dos EUA para protegê-los de Saddam, dando-lhes mais opções em sua luta a favor de eleições livres. Porém, se o Exército dos EUA usasse a captura de Saddam para anunciar o fim de táticas que enfurecem os cidadãos do Iraque e os incentiva à resistência ativa, talvez isso nos beneficiasse com um pouco de desescalamento dessa resistência. (Mas não creio que sejamos tão expertos.)

Entendendo a Guerra de Quarta Geração

Quando se trata da guerra de Quarta Geração, acredito que o militar dos EUA simplesmente não a entende. Recentemente, um membro docente da *National Defense University* escreveu ao General James Mattis, comandante da 1ª Divisão Marítima do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, pedindo a sua opinião a respeito da importância da leitura da história militar. Mattis respondeu com uma defesa eloquente sobre dedicar tempo à leitura da história. A sua resposta deveria estar à mostra em toda escola militar: “Graças à minha leitura, nunca fui pego desprevenido em situação alguma. Ela não me fornece todas as respostas, mas ela ilumina o que às vezes é um escuro caminho pela frente.”⁹

Entretanto, mesmo um comandante tão bem preparado e capaz quanto Mattis parece não entender plenamente a guerra de Quarta Geração. Disse ele, “No fim das contas, um entendimento real da história indica que não enfren-

tamos nada de novo no mundo. Àqueles intelectuais da ‘guerra de Quarta Geração’, que hoje andam por aí dizendo que a natureza fundamental da guerra mudou, que as táticas são novas, etc., devo responder, com todo respeito, que ‘na verdade nada mudou.’”¹⁰

Bem, não é isso exatamente o que os intelectuais da Quarta Geração estão dizendo. Pelo contrário, temos mostrado vez por outra que a Quarta Geração não é algo novo, mas um retorno, especificamente um retorno, à maneira pela qual a guerra funcionava antes do surgimento do estado. Agora, como então, muitas entidades diferentes — não apenas os governos de países — travarão a guerra, e o farão por muitas razões distintas, não apenas como “uma promoção de políticas por outros meios”. Usarão de muitas ferramentas diferentes para combater, não se restringindo ao que reconhecemos como sendo forças militares. Quando me pedem para recomendar um bom livro que descreva o que um mundo de Quarta Geração possa parecer, geralmente sugiro *A Distant Mirror: The Calamitous Fourteenth Century* (Um Espelho Distante: O Calamitoso Século Quatorze), de Bárbara Tuchman.¹¹

Tampouco estamos dizendo que as táticas da Quarta Geração são novas. Pelo contrário, muitas das táticas usadas pelos oponentes da Quarta Geração são táticas de rotina de guerrilha. Outras táticas, incluindo muito do que chamamos de terrorismo, representam a clássica guerra de cavalaria leve árabe combinada à tecnologia moderna nos níveis operacional e estratégico, e não apenas táticos.

Muito do que estamos enfrentando no Iraque hoje

não é ainda a guerra de Quarta Geração, mas uma guerra de libertação nacional combatida por pessoas cujos objetivos são os de restaurar um estado do partido Ba’ath. Mas, à medida que esses objetivos se esvaírem e essas forças se desfizerem, a guerra de Quarta Geração virá cada vez mais à tona. O que a caracterizará não serão grandes mudanças em como o inimigo combate, mas quem estará lutando e para que. A mudança em quem combate torna difícil diferenciar entre o amigo e o inimigo. Um bom exemplo é a mulher bomba-suicida. O que devem fazer então as tropas americanas, começar a revistar toda mulher muçulmana que encontrarem? A mudança na forma de combater do inimigo torna impossível concessões políticas que são necessárias para terminar a guerra. Descobrimos que, quando se trata de fazer a paz, não temos com quem falar nem do que falar. O fim de uma guerra como a do Iraque é inevitável: o país que atacamos desaparece deixando para trás ou uma região sem governo (como no caso da Somália) ou uma fachada de estado (como no Afeganistão) dentro da qual surgem e lutam mais elementos não estatais.

Mattis tem razão em dizer que nada disto é novo; é novo apenas para forças armadas estatais programadas a combater outras forças armadas estatais. O fato que nenhum militar estatal tem tido sucesso em derrotar um inimigo não estatal nos lembra que Clio, deusa padroeira da história, tem um senso de humor: ensina-nos que nem todo problema tem solução. **MR**

Referências

1. Este artigo é uma compilação pouco editada de curtos comentários publicados por William S. Lind sobre a guerra de Quarta Geração, usada com permissão.

2. A palavra “geração” como usada aqui, significa “mudança qualitativamente dialética”.

3. William S. Lind, Coronel Keith Nightengale, Capitão John F. Schmitt, Coronel Joseph W. Sutton, e Tenente-Coronel Gary I. Wilson, “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation” revista *Marine Corps Gazette* (outubro de 1989): pp. 22-26. Publicado simultaneamente na revista *Military Review* (outubro de 1989): pp. 2-11.

4. Minutas de seminário não estão disponíveis ao público.

5. Martin van Creveld, palestra, *Norwegian Naval Academy*, Bergen, Noruega, 14 de maio de 2004.

6. Minutas.

7. *Ibid.*

8. U.S. Department of Defense, *Transformation Planning Guidance* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, abril de 2003), online no www.defenselink.mil/brac/docs/transformationplanningapr03.pdf, acessado no dia 22 de julho de 2004.

9. General James Mattis, carta ao membro docente da *National Defense University*. Nenhuma outra informação disponível.

10. *Ibid.*

11. Barbara Tuchman, *A Distant Mirror: The Calamitous Fourteenth Century* (Nova York: Ballantine Books, 1979).

William S. Lind é diretor do Center for Cultural Conservatism of the Free Congress Foundation. É Bacharel pela Dartmouth College e Mestre pela Princeton University. Serviu de assistente legislativo das forças armadas para o Senador Robert Taft, Jr., do estado de Ohio, e também para o Senador Gary Hart do Colorado. Ele escreve uma coluna semanal “On War” online no www.military.com. Ele dá palestras internacionalmente sobre teoria, doutrina e táticas militares.